

DA PENA ÀS ARMAS, O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO: ANGOLA.

Suzana Rodrigues Pavão

Fazer a histórica política recente de Angola é tarefa difícil e exigente. Nesse país onde a confrontação de palavras e de armas militares e entre grupos de nacionalistas divididos continua a ser uma dura realidade quotidiana. Dificilmente consegue-se ir além das versões ideológicas e polémicas dos fatos históricos contados pelos protagonistas de diferentes lados.

É partindo dessa premissa que pretendemos fazer um estudo sobre as lutas pela independência e formação da nacionalidade através de textos literários de intelectuais angolanos, que pertencendo a uma elite urbana e local, puderam fazer estudos fora de sua terra e dessa forma tomar consciência de seus desejos de transformação política. E assim, demonstrar a forte ligação existente entre **a Literatura e a Revolução** no universo angolano.

Não deverá espantar ninguém que a tônica da mais representativa literatura angolana – e o mesmo se poderia dizer da literatura dos restantes novos países de expressão portuguesa – seja um sentimento de revolta ou de denúncia, que em casos mais evidentes se definiu logo com um compromisso ideológico inspirado pela dialética marxista. Enquanto a maior parte dos prosadores e poetas de Angola, naturais ou radicados, encontrava plena realização artística na descrição exótica e superficial do mundo angolano, a minoria que a história qualificará exclusivamente pôde descer ao âmago do ser e, embrenhando-se no húmus onde ele se formava, interpreta-lo na sua autenticidade.

A autenticidade de um povo submetido, física e culturalmente foi transmitida da única maneira possível: a revolta, a que um certo realismo literário veio dar forma mais sensível. E nos escritores mais condicionados pela mentalidade colonial, porém sinceros e conscientes da submissão do povo colonizado, através da denúncia.

Estes como aqueles, serão a gênese da literatura angolana que passará à história, justamente, se não se pensar que só um pensamento ativista deverá ser considerado para testemunhar, no futuro, a dinâmica revolucionária que restituiu o povo angolano à sua dignidade histórica e cultural em certo momento fraturada.

Poder-se-á talvez afirmar, agora, que foi através da literatura realista – lírica ou épica, personalista ou social – que os intelectuais angolanos sedimentaram, em si e nos outros, a consciência que mais tarde levaria à revolução. Em alguns, a verdadeira qualidade artística associou forma e conteúdo de um modo feliz, que os fará prevalecer quer na literatura, quer na política. Será o caso de Agostinho Neto, Luandino Vieira, Antonio Jacinto, Pepetela, para citar apenas alguns nomes. Em outros, uma literatura menos qualificada como tal, no seu aspecto estético, fará emergir o teórico e o doutrinador em uma função criativa que, desde o início, se revelou essencialmente base de uma mensagem que não pretendia ser instituição artística.

Em todos eles, direta ou indiretamente engajados num processo revolucionário em que avultava, mais ou menos explicitamente, a consciência de classe, a dialética marxista pôs marcas indeléveis. Todos tinham a noção de que só através de uma operação cultural, pelo combate à alienação colonial, seria possível transformar um ser desligado da sua personalidade histórica em um *homem novo*. E se considerarmos que o movimento cultural da Negritude, apoiado fortemente pelos intelectuais marxistas da Europa, África e América, influenciou muito proximamente os jovens intelectuais de Angola, brancos e negros, seria quase impensável supor que o processo revolucionário de Angola se afastasse das diretrizes marxistas, ao menos na compreensão fundamental de que o progresso das sociedades só se atinge pela síntese da luta de classes, e, nesta, pela criação de novas estruturas sociais, capazes enfim de transformar o homem angolano, diminuído culturalmente pela alienação colonial, num ser novo, que se cria ou recria nos seus valores originais.

Não é por acaso que os quadros mais influentes do MPLA são formados por consagrados escritores angolanos. E não foi também por mero acaso que muitos intelectuais, não engajados fisicamente na luta revolucionária iniciada por volta de 1956, viessem a aderir ao único Movimento de libertação progressista, com substratos ideológicos advindos de um pensamento universal e civilizatório, que negava a importância das “leis” biológicas – determinada raça e determinada psique – na construção da sociedade nova, verdadeiramente civilizada e verdadeiramente humanista.

A mesma razão, penso eu, servirá para explicar porque os outros dois movimentos – a FNLA e a UNITA – não conseguiram atrair escritores e artistas geralmente notabilizados, antes se apoiando em estratos sociais não qualificados, ou qualificados apenas como representantes das classes privilegiadas ou do povo ideologicamente inócuo.

Literatura e MPLA tiveram, naturalmente, um denominador comum. Para além do sentimento profundo de um povo sujeito à dominação colonial, o fenómeno cultural e político da negritude, oriundo da América e transportado para a África, também levou a Angola a ideologia libertária e unificadora.

Por volta dos anos 50, os intelectuais angolanos começaram a dar forma de consciência política à problemática sócio-económica. A que se manifestou em movimentos libertários ou editoriais como *Mensagem Cultural*, *Casa dos Estudantes do Império*, *Imbondeiro*, *Bailundo*, *Capricórnio* – conforme os condicionamentos impostos pela administração colonial – fascista.

Os que tinham voz – escritores e poetas, em primeiro lugar – foram arautos da mudança necessária. E mesmo aqueles que, por falta de uma ideologia revolucionária concreta, não vincaram explicitamente o fenómeno de autonomia que se vislumbrava, acabaram por se identificar com essa consciência nascente. Também estes – e é importante repeti-lo – são uma parte significativa do processo cultural angolano que se dinamizou plenamente com o advento da

consciência revolucionária, mesmo quando estavam geograficamente distanciados – e alguns, até, culturalmente – do teatro das realidades angolanas. Uma revolução (sobretudo quando também é mental) não se faz apenas no terreno, e por isso as revoluções exportam-se... E se ela atinge parâmetros ideológicos universalistas, como foi a do MPLA, o papel dos intelectuais estrangeiros, ainda que com uma função eminentemente pedagógica, não deve ser desligado do que foi assumido por aqueles que, imersos na realidade total, forjaram essa consciência na luta das idéias e das armas.

Pode-se dizer, nesse ponto, que José Augusto França, com seu livro *Natureza Morta* e Castro Soromenho, com toda uma vasta obra de denúncia e de combate, mostraram no caminho da literatura as pistas que daí para frente os jovens autores angolanos haveriam de seguir, se não por modelo ao menos por paralelo, para dizerem “não” à exploração e à opressão – econômica, física e cultural – que se abatia sobre o povo.

A ideologia tinha características internacionalistas, provindo de causas e efeitos comuns a todos os povos colonizados e que os levaria a inspirar-se numa forma clássica de resistência e luta. Concluir, hoje, que o pensamento marxista molda as cúpulas dirigentes da revolução angolana – explica muito menos uma clara opção política à partida do que a exigência cultural nascida da verificação de um método de análise sobre um problema universal de relações de produção e a luta de classes.

Terá sido esse mesmo poder estimulante que clarificou a consciência inicial da Negritude, mesmo que, mais tarde, desvios e correções viessem a verificar-se função dos figurinos políticos adotados e tão díspares como o das Antilhas, da Guiné ou do Senegal. Mas houve um momento em que a cor, serviu de base comum. Era como que uma causa moral única a sensibilizar os intelectuais negros da América e da África. Daí as influências de correntes literárias angolanas

em autores, então negros e brancos, que serviram da literatura para exprimir, de fato, uma consciência nacional, mesmo quando politicamente pudessem estar diferenciados.

Até em escritores de exotismo africano, como Tomás Vieira da Cruz, essa consciência despertava. Com efeito, para além do estilo e da visão romântica do homem angolano, é justo que já Tomás Vieira da Cruz revelava as marcas da violência colonial. Ainda não era a denúncia, mas já era a consciência do fato.

Foi efetivamente depois dos anos 50 que a consciência e a contestação começaram a prefigurar o processo revolucionário que se veio materializar na luta armada, em 1961. Agostinho Neto, Mário Pinto Andrade, Luandino Vieira, Antonio Jacinto, Antonio Cardoso e Pepetela, são nomes de escritores ao mesmo tempo militantes da revolução, entre muitos outros que, mesmo afastados do seu curso atual ou futuro, terão de permanecer ligados à história da época e, que se gerou, de uma forma definitiva, *a literatura angolana*, no seu contexto institucional: estético, político e cultural.

Registre-se que poucas vezes tantos intelectuais caracterizaram um processo revolucionário compreendendo a guerra e a responsabilidade política. Poderá isto prometer que também os destinos de Angola serão assumidos de um modo particular, em que a expressão “homem novo” será uma bandeira diferente na dialética transformadora do homem e da sociedade.

Mas a história responderá.

PEPETELA E A EPOPÉIA DE UMA GERAÇÃO

- Por que estás a chorar, Ngunga?.....

....Ngunga é um órfão de treze anos. Os pais foram surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo....¹

É o órfão das guerrilhas, que caminha de Kimbo em Kimbo em busca de um lugar que seja seu e da justiça e liberdade que o acolha. Escrito quando ainda estava na luta, o autor quis transmitir essa mensagem para que os incontáveis jovens angolanos, que viviam a mesma realidade pudessem se identificar. E, da forma mais importante, identificar-se por escrito, após passarem pelas escolas das aldeias, pois só assim um novo mundo nascerá para eles. Convivendo com os comandantes, *Nossa Luta ou Sem Medo*, com o *Sábio ou seu oposto Mundial*. Cruzando o país em todas as direções, enfrentando o medo em *Mayombe* ou tentando superar a *Chana*. Irão construir a comunidade imaginada que pretendem. É a história que nos apresentará **Angola**. Assim é a totalidade da produção literária de Pepetela. É a ficção, não ficção. O contar repleto de didatismo, que pretende nos fazer compreender e antes de qualquer coisa penetrar pelo universo da nova nação, da nova comunidade imaginada seguindo aqui o conceito de nação de Benedict Anderson em sua obra *Nação e Consciência Nacional*. Precisamos falar, embora apenas superficialmente sobre o conceito de “nação” e sua construção. Trata-se de um dos conceitos mais controvertidos para se estudar e definir. Partimos da concepção que nos define nação como uma “comunidade imaginária” e dessa forma restrita, com fronteiras delimitadas e com componentes que se identificam através de elementos culturais, língua ou etnias. Dessa forma cada nação é limitada, pois se caracteriza por oposição ou estranhamento em relação à outra. É concebida como imaginária, pois é o modelo estabelecido pelas elites como o ideal para seu povo.

A nação no conceito africano apresenta características muito próprias e embora sejam comunidades imaginadas por elites internacionais, nascidas em um lugar e optando por viver em

¹ PEPETELA; *As Aventuras de Ngunga*; 3ª. ed. São Paulo, Ática, 1983, pág. 5.

outro e lutando a vida toda para voltar ou fugir de suas terras natais apresentarão peculiaridades da cultura tradicional que os colonizadores lutaram, mas não conseguiram eliminar.

Em 1992 Pepetela publica *A Geração da Utopia*. A trajetória dessa geração guerreira e idealista. Leva-nos, enquanto leitores, pela viagem no tempo e no espaço. Desembarca-nos em Lisboa no ano de 1961 e na Avenida da República caminhamos com Sara, a estudante de medicina. A estudante branca, mas que sente na pele o batuque de sua terra. A moça que olha e vê as diferenças. Olha como é triste o povo português, não sabe se por natureza ou consequência do regime. Um povo de vocação agrária e sem terra, cinzento, mesmo na luminosa Lisboa. Apresenta-nos a *Casa dos estudantes do Império*, seus frequentadores, sua rotina e principalmente a preparação ideológica dos jovens estudantes ali acolhidos. Futuros guerrilheiros e mais tarde dirigentes do país após a independência. Independência que prepararam, construíram e que vai se apresentar de forma muitas vezes frustrante. As decepções dos mais idealistas, o oportunismo daqueles que perpetuam a exploração do povo, a esperança de vários, e o discurso pessimista daqueles que não desejam acreditar que Angola é possível. É Angola vai assim nos sendo descortinada pelas palavras de Pepetela. Na perspectiva que nos interessa a analisar, acreditamos ser fundamental que partamos do princípio de que o autor tem fé em sua imaginação política e crê que o melhor dos mundos não é apenas pensável, mas é também possível ou até certo e inelutável porque a ele somos levados pela força das coisas.

Há disparidades grandes de definições sobre o que venha a ser utopia e muitas bibliografias abrem um vasto campo de polêmicas sobre a questão. As soluções propostas de cada vez assumem um valor subjetivo, que geram confusões e desentendimentos sempre que sejam esquecidas as premissas sobre as quais os teóricos se apóiam. A etimologia é conhecida e é muito simples quando se supera a disputa filológica aberta pelo livro de Thomas Morus; ou seja, se a

Utopia daquele neologismo deve entender-se como contração do grego *ou* (e como substitutiva do uso correto de um *a* privativo e não mais como contração de *eu*). Enfim, “lugar inexistente” ou “lugar feliz”.

Iremos nos apoiar em uma das mais consistentes definições de Utopia que nos foi deixada pelo teórico Karl Mannheim. Para ele, a mentalidade utópica pressupõe não só estar em contradição com a realidade presente, mas também desejar romper o liame da ordem estabelecida. Não se trata de fantasia ou mesmo de sonho para se sonhar acordado, mas é uma ideologia que se realiza na ação de grupos sociais. Transcende a situação histórica enquanto orienta a conduta para elementos que a realidade presente não contém, portanto, não é ideologia, na medida em que consegue transformar a ordem existente numa forma mais de acordo com as suas próprias convicções. As utopias para Mannheim apresentam um caráter revolucionário. Não precisaríamos obrigatoriamente citar Mannheim para lançar tal gênero de polêmica, pois Lamartine já via nas Utopias a realidade de amanhã.

Há em Pepetela a consciência da necessidade de afirmação de sua comunidade imaginada, quando produz textos que narram a história de seu tempo presente, no momento de sua luta contra os colonialistas, mas que também nos são apresentados em suas origens em *YAKA* e em sua tradição através de seus mitos como em *LUEGI* e *MUANA PUÓ*. Pepetela representa a Angola revolucionária. Como cidadão, também se decepciona muitas vezes, mas não desiste. E isso se pode perceber pela sequência de seus escritos. Sabe que muitas são as Carminas Cara de Cu, dirigente revolucionária de *O Desejo de Kianda* e que no momento da narrativa representa a corrupção e o oportunismo. E, muitos são os chefes dos Kimbos que vêem seus filhos partirem para a guerra. Uma guerra que não conseguem entender e que os faz estar em constante mudança, deixando de lado lavouras, antes organizadas e no presente destruídas, em busca de novos locais

para produzir e viver. Não sabem do lado de quem está a razão, só sabem que suas mulheres e crianças não têm mais do que se alimentar. Ao subir ao alto do monte, precisa se aconselhar com o velho Cágado, o sábio, que conhece o mundo desde os seus primórdios. São os homens do campo, que estão longe de se adequar ou de controlar a lógica da guerra. Não podem entender o que dizem seus filhos. Filhos que na luta são inimigos, pertencem a exércitos diferentes e têm um discurso ideológico díspar. Não falam mais como dois irmãos, deixaram de assim se considerar, e o velho pai, preso às suas origens, não consegue entender a tradição secular destruída, os ancestrais não mais respeitados. Como deverá esse homem entender esse novo mundo em que passou a viver?

Luanda está a desabar ao som do canto das Kiandas, mas está a desabar por não mais querer ouvir a verdade dos ancestrais. As regalias não devem ser para poucos, mas é o que se vê. Os colonialistas se foram, mas a guerra continua cada vez mais violenta, mais enigmática, pois agora é uma guerra entre irmãos. Que dialeto falam? São do leste, do norte, habitam Benguela ou Luanda ? São de Angola. E a riqueza de todos serve agora para a compra de armas e para proliferar a corrupção. Diamantes, petróleo, seres humanos. minas terrestres, guerra química, fome.... refugiados de guerra que chegam cada vez em maior número para se aglomerar na miséria das cidades que não os acolhe e que também eles não sabem se fazer acolher, pois são estrangeiros diante daqueles hábitos, eles são homens do campo, que trabalham em sua lavra e criam seus animais. Homens que se sentam em torno do fogo e recebem a sabedoria da árvore sagrada, moradia de seus antepassados e ancestrais.

Através da trajetória literária de Pepetela caminhamos com Ngunga, derramamos as lágrimas de Ngunga, mas não podemos deixar de pensar que Angola é possível, Angola existe e irá sobreviver a seus problemas. Sentirá o perfume da água lilás e saberá entendê-la como fez o poeta e o filósofo. E voltamos a dizer e a acreditar que :

A História, certamente, nos responderá

Notas Bibliográficas

PEPETELA. *As aventuras de Ngunga* 3a. ed.. São Paulo; Ática; 1983.

_____ *A Geração da Utopia*. Lisboa, Dom Quixote, 1992.

_____ *A Parábola do Cágado Velho*. Lisboa; Dom Quixote, 1997.

_____ *O Desejo de Kianda*. Lisboa; Dom Quixote, 1995.

_____ *Luegi*. 3^a. ed. Lisboa; Dom Quixote, 1997.

_____ *Yaka*. Lisboa, Dom Quixote, 1998.

_____ *Muana Puó*. Lisboa; Dom Quixote, 1995

_____ *Mayombe*. União dos Escritores Angolanos/ edições 70. 1979.

_____ *A Montanha da Água Lilás*. Lisboa; Dom Quixote. 2000.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*.. São Paulo; Ática, 1986.

MANNHEINN, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1968.

PAVÃO, Suzana Rodrigues. *A África e suas Jornadas: a utopia de duas nações*., tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2002.